

## EUCLIDES DA CUNHA – O ENSAISTA

Pedro Paulo Montenegro

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em 20 de janeiro de 1866 na fazenda Saudade, em Santa Rita do Rio Negro, no município de Cantagalo, no estado do Rio de Janeiro. Pouco antes de seu nascimento, no início de 1865, o Império tinha concluído sua breve guerra contra o Uruguai.

Euclides entrou em 1885 no curso preparatório da Escola Politécnica, no largo de São Francisco, no Rio. Ingressou no ano seguinte, na Escola Militar da Praia Vermelha, que tinha a vantagem, para estudantes com poucos recursos como Euclides, de pagar soldo, além de fornecer alojamento, comida e parte dos uniformes.

A escola era um centro de irradiação de idéias positivistas, evolucionistas e republicanas. O positivismo do filósofo francês Augusto Comte e o evolucionismo do inglês Herbert Spencer foram duas concepções científicas e filosóficas a que Euclides aderiu como cadete da Escola Militar e jovem oficial do Exército no início dos anos de 1890. Suas convicções filosóficas e políticas se fortaleceram ao reencontrar Benjamim Constant, seu antigo professor no Colégio Aquino e que se tornaria um dos líderes do golpe militar que proclamou a República.

O ministério da Guerra ordenou, em 11 de dezembro de 1888, o trancamento da matrícula de Euclides da Cunha que foi desligado do corpo de alunos no dia 13, saindo do hospital militar para se apresentar à Repartição de Ajudante-General. Deu baixa do serviço do Exército no dia seguinte por motivos de “incapacidade física”, segundo a portaria de 26 de dezembro.

Não seria questão de dias, mas de alguns meses, cerca de onze, até a proclamação da República, tão sonhada por Euclides da Cunha e seus colegas da Escola Militar. E os cadetes e os jovens oficiais iriam participar dos acontecimentos que levaram ao golpe do Exército em 15 de novembro do ano seguinte, 1889.

Com a República, Euclides da Cunha, a 19 de novembro, o ex-cadete revertia por força de uma Portaria que tornou sem efeito a sua baixa do serviço, ao serviço ativo do Exército, graças à influência de antigos companheiros da Escola Militar: Rondon, Tasso Fragoso, Sebastião Bandeira. Daí por diante foi a carreira normal de seu oficialato: curso de Estado Maior e promoções subseqüentes.

Euclides concluiu, em 8 de janeiro de 1892, o curso de Estado Maior e engenharia da Escola Superior de Guerra e foi promovido a primeiro-tenente. Recebeu, em 16 de janeiro, em sessão da congregação da Escola Superior de Guerra, o grau de bacharel em matemática e ciências físicas e naturais.

O ano de 1895 marca o afastamento de Euclides do Exército. Começou passando para a reserva de 2ª classe, em 28 de junho. Um ano depois era o afastamento definitivo, com a reforma.

Daí por diante é a vida do professor, do jornalista, do viajante pelo nordeste e norte do Brasil, sempre a serviço da pátria e da literatura.

O papel que Euclides da Cunha representou no Brasil foi o de fundador da nossa consciência crítica: revelou ao Brasil o sertão da mesma forma pela qual iria depois revelar a Amazônia.

Após a publicação de *Os Sertões* enriqueceu seu instrumentalismo sociológico, com a visão econômica dos fatos sociais como o demonstra nos ensaios de *Contrastes e Confrontos*, *Outros Contrastes e Confrontos*, *À Margem da Geografia*, *Fragmentos e Relíquias*, *À Margem da História*.

Crônicas escreveu: *Novidade na Imprensa*, *Atos e Palavras*, *Do Rio para a Província*.

O *Ensaio*, como gênero literário radica suas origens nas longínquas era da oralidade literária, anônima e coletiva da humanidade, em substratos inesgotáveis de provérbios, axiomas, máximas e aforismos, constituídos pela soma de observações e experiências que se reuniram no decorrer de séculos. Reunidos em rubricas como por exemplo o *Eclesiástico*, da Bíblia, no Antigo Testamento, fornecem não somente matéria para reflexão, mas ainda a orientação e a maneira de exprimir. Poude, assim Bacon, em 1612, escrever no início de seus *Ensaios*: “A palavra *ensaio* é recente, mas o assunto é antigo”.

A obra de Montaigne nos oferece um modelo e as características do que possa ser um *ensaio*: riqueza de linguagem, precisão de estilo,

densidade de pensamento aliadas a uma expressão que possa assegurar a perenidade dos textos.

Cada país confere ao gênero uma certa permanência de forma e de tom. Na França, por exemplo: La Rochefoucauld. Na Inglaterra: Bacon. Na Espanha: Azorin, Ortega y Gasset, Unamuno.

Na França, o ensaio moderno foi oferecido por Maurras: *Democracia e Povo*; Bergson: *Matéria e Memória*; Alain: *Propósito* e Sartre: *o Ser e o Nada*.

Em Portugal, a título de alguns exemplos, poderíamos citar: Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Fernando Pessoa, Fidelino de Figueiredo.

No Brasil: Machado de Assis, com *Instinto da Nacionalidade* (1873) e *A Nova Geração* (1879); Afonso Celso, com *Por que me ufano do meu País* (1900); Paulo Prado, com *Retrato do Brasil* (1928); Sergio Buarque de Holanda, com *Raízes do Brasil* (1936), entre outros.

O vocábulo *Ensaio*, que significa experiência, exame, prova, tentativa, designa um gênero literário de contorno indefinível. Daí que os estudiosos do assunto tendem a reunir sob idêntica denominação obras contrastantes.

O *Ensaio* contém a discussão livre e pessoal de um assunto. O ensaísta não busca provar ou justificar as suas idéias, nem se preocupa em lastreá-las com erudição, nem esgotar o tema escolhido. Escreve para divisar melhor o que pensa e saber se pensa corretamente. Daí que o ensaio se constitua numa manifestação de humildade e faça da brevidade e da clareza de estilo os seus esteios máximos.

O *Ensaio* deve oferecer antes de tudo uma sensação de beleza da forma, porque o ensaísta, por definição, deve ser um bom escritor e procurar menos persuadir que comover. Nesse sentido, o *Ensaio* vale menos pelo acerto ou procedência das idéias que pelos horizontes que descortina aos dois interlocutores, um ativo – o escritor – porque compõe o escrito, o outro passivo – o leitor – porque reage aos conceitos expendidos, acolhendo-os ou refutando-os.

Em conclusão, o *Ensaio* é um texto redigido com os olhos voltados, ao mesmo tempo, para a beleza da expressão literária e a beleza da verdade que exprime, porque a verdade intelectual do *Ensaio* jamais se dissocia da perfeição da forma.

Euclides da Cunha dois anos após a publicação de *Os Sertões*, enriquece seu instrumentalismo sociológico, com a visão econômica dos fatos sociais, como demonstram os ensaios de *Contrastes e Confrontos*.

O grande papel que Euclides representou no Brasil foi o de fundador de nossa consciência crítica: revelou ao Brasil o sertão da mesma forma pela qual nos iria, depois, revelar a Amazônia, nas páginas de *À Margem da História*.

Em *Contrastes e Confrontos* são notáveis os ensaios *Conflito Inevitável, Contra os Caucheiros, Entre o Madeira e o Javari*, como significativos são os ensaios de *À Margem da História: Terra sem História, Um Clima Caluniado, Rios em Abandono*.

Em 1907, Euclides da Cunha, como jornalista no *Jornal Comércio*, começa a publicar uma série de artigos a respeito da questão de limites e da disputa de terras entre o Peru e a Bolívia, depois inseridos em livro. Baseado nos documentos relativos à questão, em fontes diplomáticas, geográficas, históricas, Euclides escreveu um trabalho exaustivo, em que se casam os dotes do homem de letras e a capacidade do engenheiro. Assim, os argumentos técnicos somam-se aos da lógica e da história, sem falar nos jurídicos, resultando uma memória de valor incontestável e convincente.

Esses *Ensaíos* “apresentam um Euclides da Cunha mais maduro que em *Os Sertões*”, escreve Franklin de Oliveira, “maturidade indicada inclusive na estrutura estilística mais condensada, de uma economia literária mais contida”.

Para aprofundar um pouco mais a reflexão sobre o conteúdo do pensamento e sentir o estilo do grande ensaísta que foi Euclides da Cunha, é suficiente ler alguns textos de *Contrastes e Confrontos*. Aí se encontram suas mais belas páginas, muitas vezes citadas como exemplo de estilo, admiradas e elogiadas por Araripe Junior, em seu estudo crítico *Dois Grandes Estilos*, onde comprara e analisa os estilos de Euclides e Rui Barbosa e conclui: “Bem ao contrário do que se observa no estilo do Conselheiro Rui Barbosa, o estilo de Euclides da Cunha nada tem de inteiriço. A emoção anda-lhe muito por perto da crosta da terra onde pisa. A sua frase, portanto, dá a sensação, como se poderia dizer, de vales, montanhas, grutas, depressões e até planícies. É o reflexo perfeito dos estados de sua alma, ora tensa, pelo entusiasmo que

determinam os belos aspectos da natureza morta ou viva da floresta, do homem, do oceano, ora desalentada pela fadiga ou pela ansiedade, se não angustia, oriunda da impossibilidade de alcançar de um salto a resolução do problema.”

É o retrato do próprio Euclides da Cunha. Bem o disse Buffon: “ O estilo está no homem.”

Pela leitura das obras de Euclides da Cunha, compreendemos que o escritor não reproduz os dados do real: ele os recria em sentido amplo e profundo e os supera graças ao poder de transcendência próprio da arte da representação literária.

Compreendemos ainda que é condição essencial de literatura o dialogo entre culturas.

A nota primacial de Euclides da Cunha, como homem e como escritor, era o nacionalismo que se fundamentava, no dizer de Gilberto Freyre, em três elementos: seu espírito caboclo, a formação de engenheiro e a preocupação de sociólogo ou ecologista social. E, na observação de Vicente Licínio Cardoso, “Euclides descobriu a Terra, as terras interiores e as gentes delas, os curibocas, os sertanejos, os caucheiros, os sertões adustos do Nordeste e aquela Amazônia, perigosa e estuante.”

Em Euclides da Cunha, a despeito de uma formação científica, o que ressalta é o temperamento de artista.

Sua obra é, por excelência, uma realização artística em que motivos psicológicos, épicos e narrativos se misturam. Qualquer ponto de seus escritos fornecerá matéria de intensa emoção artística.

Euclides da Cunha era um artista, um ficcionista, um criador de tipos, tal qual um romancista. Em tudo entrou o pincel do artista, ao qual não é possível, mesmo que seja um naturalista, uma absoluta fidelidade à realidade.

## BIBIOGRAFIA CONSULTADA

**EUCLIDES** da Cunha. *Obra Completa*, Aguilar Editora, Rio de Janeiro, 1966.

**ROBERTO** Ventura. *Euclides da Cunha*, Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

**FRANKLIN** de Oliveira. *Euclides da Cunha* in A Literatura no Brasil, vol. III, Editorial Sul - América, Rio de Janeiro, 1978.

**WILSON** Martins. *Euclides da Cunha*, in História da Inteligência Brasileira, vol.V, Editora Cultrix, São Paulo. 1978.

**UMBERTO** Peregrino. *Euclides da Cunha e Outros Estudos*, Gráfica Record Editora, Rio de Janeiro, 1968.

**UMBERTO** Peregrino. *O Exercício Singular da Comunicação na vida e na Obra de Euclides da Cunha*, Biblioteca Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1983.